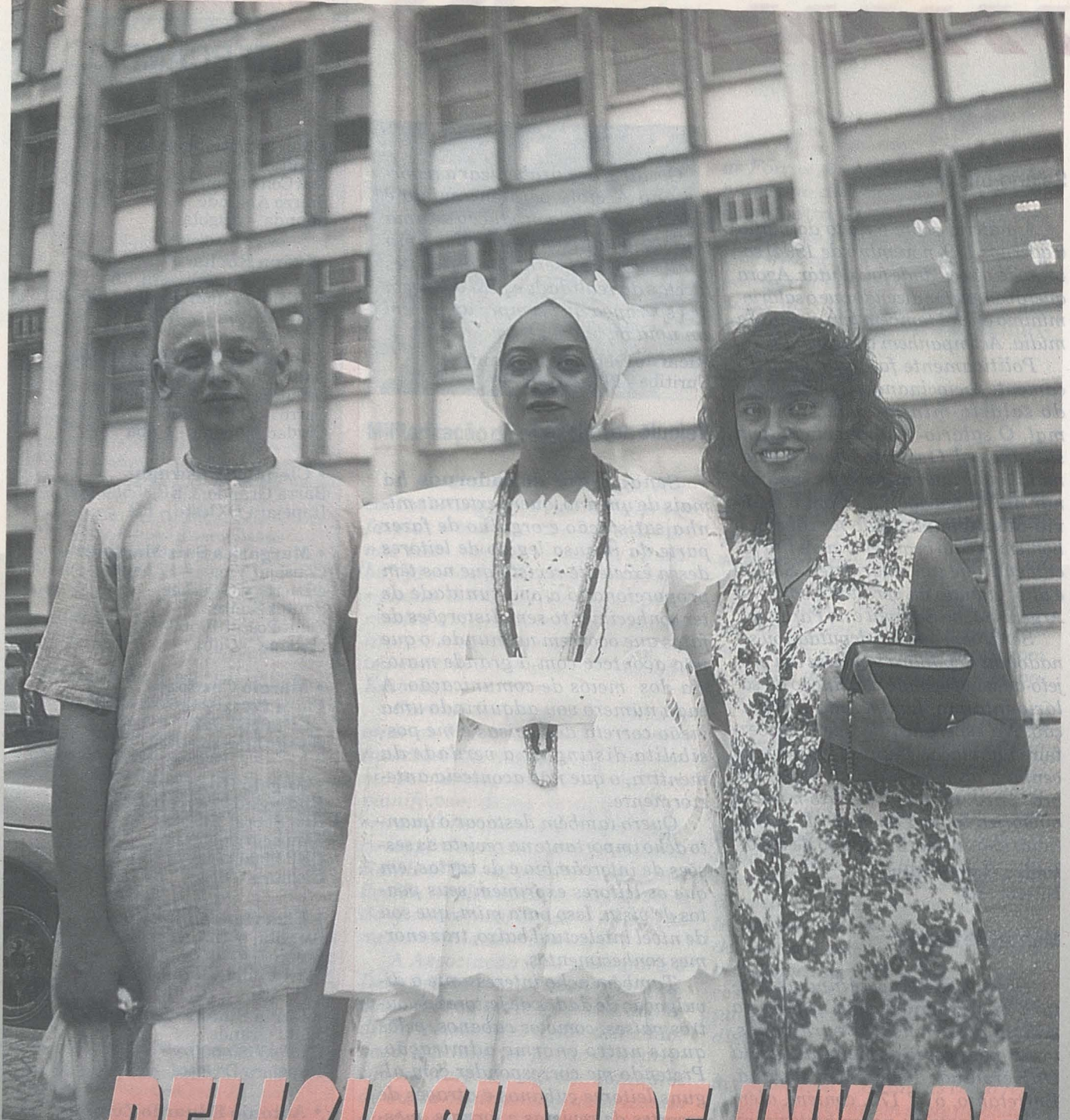
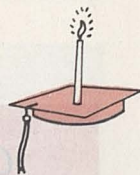


Fotos: A. C. Junior



# **RELIGIOSIDADE INVAADE A UNIVERSIDADE**





## O templo da ciência, espaço consagrado à razão, recebe cada vez mais manifestações ligadas a temas espirituais

Sandra Almada

**Q**uem atravessa os portões da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) constata que um campus universitário, ao contrário do que diz a tradição, pode reunir mais que estudantes e mestres envolvidos em discussões teóricas, aulas e teses. No mesmo prédio, separados apenas por algumas salas e escadarias, simpatizantes e fiéis de diferentes religiões e seitas se reúnem para realizar atividades bastante peculiares. Tudo isto valeu à instituição o inusitado título de “caldeirão de tendências esotéricas”.

Na concha acústica – destinada a eventos culturais – está reunido um grupo de evangélicos da Igreja Assembléia de Deus. Afinados, entoam uma cantata de Natal. Hinos de louvor asseguram a uma platéia pequena e silenciosa – formada por “irmãos” de outras igrejas protestantes e alguns alunos que “nesta noite Jesus vem lhes chamar”.

No palco da concha, um jovem teatraliza a “falta de rumos da juventude”. Embriagado, caminha trôpego, enquanto o pastor mostra-lhe o caminho: “Quero chamar você a sentir Jesus Cristo em seu coração”, convida, dirigindo-se ao personagem e à platéia.

A presença destes cristãos dentro da universidade pode parecer casual. Não é. Presos nos murais das paredes dos vários institutos, cartazes anunciam onde acontecerá o próximo encontro religioso.

Os evangélicos não são o único grupo presente. A alguns metros da concha acústica, várias pessoas assistem à última aula do curso Culinária dos Orixás. A professora, que atende pelo nome de Agesse, chama-se Esmeralda de Freitas Maia e frequenta a casa de santo de Mãe Lindinha de Oxum, em Villar dos Telles, na Baixada Fluminense (RJ). É “filha” de Ossanha e Xangô Airá, deuses do panteão religioso africano. Aos cerca de 20 alunos que fizeram seu curso neste semestre, ensinou em aulas práticas e teóricas, abertas à comunidade, como preparar oferendas para os orixás e as particularidades das “comidas de santo”. Mostrou também a rela-

ção entre as oferendas e os pedidos feitos às entidades. “Quando se oferece um amalá a Xangô, orixá da Justiça, com a intenção de tirar alguém da prisão, é necessário juntar 144 quiabos, cortá-los ao meio, tirar as sementes e plantá-las em terreno ao lado do presídio”, ensina, revelando segredos capazes de produzir certo tipo de “eficácia” mágica a uma turma de alunos atentos, dos quais a grande maioria “pertence ao axé” – ou seja, é ligada a um terreiro de candomblé. Entre eles estão sociólogos, assistentes sociais, designers de moda, professores, telefonistas, escrivães, *office-boys*.

O convite para dar o curso foi feito pela coordenadora do Programa Pró-Afro, e o *status* de professora foi conquistado após Agesse ter mostrado conhecer os fundamentos e a arte de preparar e ornamentar comidas-rituais afro-brasileiras e apresentá-las em eventos realizados pela Uerj nos últimos dois anos.

**Universidade sem muros** – Aulas parecidas vêm ganhando credibilidade na Uerj e dando novos contornos ao cotidiano do campus. No curso Gestualidade dos Orixás se aprendem as danças de “santo” e seu significado. Também aberto à comunidade, dura quatro meses e é dado pelo professor Geraldo Cândido do Nascimento ou “Oya Kaja Se De”. Esse nome religioso em yorubá significa “Iansã que pede Luz em seus caminhos”, segundo explica Geraldo, que é funcionário da Uerj (gerencia a cantina), estudou dança na Faculdade da Cidade e é babalori-

À esquerda, seguidores do Hare Krishna, candomblé e católicos carismáticos convivem na Uerj. Abaixo, aula do Curso de Culinária dos Orixás





*O estudo apropriado de fenômenos ligados ao mundo espiritual pode não só contribuir para o avanço da ciência como também ajudar a separar o joio do trigo, evitando o charlatanismo*



xá. Em sua opinião, “ocupar este espaço é importante pois nossa religião está muito deturpada. E, na verdade, ela é um dos aspectos da cultura afro-brasileira que deve ser vista na sua grandiosidade”.

Tão ou mais concorridos que esses cursos são os seminários anuais sobre Cultura e Religiosidade, organizados pelo Programa de Estudos e Pesquisa das Religiões (Proeper), coordenado pelo Centro de Ciências Sociais (CCS).

À frente deste Centro está José Flávio Pessoa de Barros, um acadêmico com título de Doutor em Antropologia. Ele pilota um projeto político-científico destinado a trazer para dentro do campus não apenas as práticas culturais populares, como também os agentes desta cultura – as diferentes comunidades.

“A universidade sempre viu a religiosidade como mais um tema de estudos científicos, sem maiores conseqüências”, diz Regina Araújo, aluna do curso de graduação em História da Uerj e membro da equipe do Proeper.

“Éramos alunos com expectativas muito grandes sobre novas linhas de pesquisa. Isto fez com que trouxéssemos a religiosidade para dentro da universidade e passássemos a perceber as conseqüências disto para a instituição”, explica Regina, acres-

Show de música evangélica na Uerj



centando que o Proeper está servindo como modelo para universidades do país e do exterior, inclusive nos EUA e Japão.

Segundo Luiz Fernando da Silva, aluno do último período de Filosofia e também do Proeper, “a universidade encastela o conhecimento. O saber marginal é considerado como tal pelo saber acadêmico por não ser, desse ponto de vista, racional. Queremos confrontar o conhecimento da religiosidade com esta via racional, onde tudo se explica”, diz Luiz Fernando. Regina Araújo acrescenta: “Diante da crise da sociedade, as pessoas procuram se pautar pelas regras da religiosidade e não por condutas sociais que estão falindo. Movimentos propostos pela sociedade civil organizada, como o Viva Rio e o Fundo Inter-religioso, têm como arcabouço a fraternidade, o amor, a solidariedade. Razão e emoção não são antagônicas”, conclui Regina, a quem o título concedido à Uerj de “caldeirão de tendências esotéricas” causou surpresa.

“Não realizamos feiras esotéricas. Trabalhamos com religiosidade. A confusão se dá porque todas as religiões têm um lado esotérico, mágico, de exclusivo conhecimento dos iniciados. E é este lado, sem dúvida, que mais desperta curiosidade nas pessoas”, esclarece.

**O polêmico e o novo sagrado** – Há, certamente, diferenças entre o tradicional comportamento acadêmico e o que se vê hoje na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Neste novo contexto, o campus da Uerj ao abrigar diferentes tendências místico-religiosas – os Hare Krishna, os protestantes, os católicos, os candomblecistas, os umbandistas, entre outros – promove o diálogo inter-religioso, aproxima-se mais da realidade sócio-cultural do país, dá vigor a movimentos sociais que reivindicam cidadania para o povo e abre espaço para que novos saberes traguem pelo espaço acadêmico. E, evidentemente, amplia as discussões sobre os paradigmas da ciência.

“A academia está rompendo com um dos dogmas do marxismo. Marx analisou a religião do ponto de vista social e de acordo com as premissas do pensamento judaico-cristão que permeavam a sociedade que ele conhecia. Religião não pode ser entendida de forma reducionista, como o ópio do povo”, opina o líder Hare Krishna brasileiro, o paulista Lucio Valera, ou Loka Sakshi Das.

Segundo ele, não se pode separar a vida espiritual da material. E a universidade, portanto, deve estudar religião em todos os seus aspectos: éticos, morais, psicológicos, antropológicos, esotéricos, exotéricos.

“Uma das questões cruciais do mundo ocidental foi não ter levado a sério a existência de outros seres em



## A alma sacra da ciência

**P**aris, década de 50. O escritor e político francês André Malraux, especulando sobre os rumos da humanidade às portas do século XXI, arriscou um veredicto: "Ou o século XXI será religioso ou não será." Sem termos construído outros caminhos, parecemos em vias de transformar especulações em profecias e decididos a atravessar a fronteira entre os dois séculos carregando o peso da crise da ciência e da racionalidade, movidos pela busca do saber místico e religioso como um contraponto.

Afinado com as idéias de Malraux, Richard Thompson, Ph.D. em Teologia e professor da Universidade de Harvard, dá, algumas décadas depois, um passo à frente, passando da especulação a comprovações mais taxativas.

"No final do século XX, a marcha da ciência foi revista. A Física parecia, em 1890, uma ciência encerrada, mas nas primeiras décadas deste século, entrou numa fase de paradoxo e mistério, com o desenvolvimento da teoria da relatividade e da Mecânica Quântica", explica o professor.

Segundo o acadêmico, o mistério da mecânica quântica continua a inspirar cientistas a buscar explicações que teriam sido consideradas "ultra-jantamente místicas" na virada do século. "Contudo, continua Thompson, a Física hoje encontrou obstáculos mais sérios, pois os ousados arquitetos da Teoria Física Universal estão se dando conta de que estas teorias jamais poderão ser testadas empiricamente, o que caracterizaria a Física Moderna como uma Teologia Matemática Recriacional", explica.

Se, por um lado, a ciência se aproxima de Deus, por outro diminui a crença dos homens nos superpoderes

da razão científica como instrumento capaz de decifrar todos os mistérios. Richard Thompson acrescenta que mesmo que o computador tenha ficado mais poderoso, o sonho de recriar uma inteligência humana está enfraquecendo.

"Em 1953, ao se descobrir a dupla hélice do DNA, muitos cientistas pensaram estar chegando ao segredo último da genética. Desde então pesquisadores têm tido grande sucesso em estudar mecanismos moleculares de células vivas. Mas a Biologia molecular revelou complexidades incríveis dos mecanismos de alta precisão e as-



Dança dos orixás no campus da Universidade

sim o objetivo de explicar a origem da vida parece mais distante."

O professor norte-americano, ao analisar as relações entre religião e racionalismo moderno, envereda pelo universo "mítico" da milenar cultura religiosa hindu e propõe que se alterem as fronteiras entre mito e ciência. Em suas argumentações ele fala sobre fenômenos que se passam dentro de rituais de adoração realizado por devotos de Krishna.

"Certa vez um devoto meditava sobre um copo de leite que iria oferecer ao deus hindu. Durante a meditação, o copo (construído mentalmente) caiu sobre a sua mão. Quando voltou a si, a mão estava queimada. Um outro contemporâneo deste homem meditava sobre uma guirland

da de flores que iria oferecer a este mesmo deus e, quando despertou, o cheiro da guirlanda impregnava o ambiente. O que faremos com estas histórias?", indaga.

Nas respostas que Richard Thompson formula, "a história das mãos queimadas seriam aceitas por muitos acadêmicos. Isto porque já foi aceito que santos católicos aparecem com as marcas corpóreas do sofrimento de Jesus, as chagas. Quanto à história das guirlandas, trata-se da materialização de um objeto. E muitas materializações produzidas por médiuns foram vistas por acadêmicos que consideram necessário que tais fenômenos sejam estudados seriamente", avalia Thompson.

Ele continua contando uma outra história. Ela ocorreu, segundo o professor, com um outro devoto do deus Krishna que, depois da meditação, viu reproduzir-se frente aos seus olhos, a cena que vira enquanto meditava. O deus Krishna se aproximou, ofereceu-lhe um

copo de leite e em seguida desapareceu, deixando o copo em suas mãos.

"Histórias como esta, de uma pessoa do mundo transcendental que entra no nosso *continuum* e, em seguida desaparece, são mais difíceis de serem aceitas pela mente científica tradicional. Este episódio evidencia que há uma troca energética entre nosso mundo e o mundo transcendental. O estudo apropriado deste fenômeno traria grandes contribuições para a ciência."

É com certeza uma revolução tão incendiária no meio científico quanto aquela que produziu Copérnico, ao tirar a Terra do centro do Universo, ou a que produziu Charles Darwin, ao colocar os humanos na linha de descendência dos primatas.



## Quem tem medo do feitiço?

**N**ão há quem passe pelo Rio sem reparar nos despachos, velas e oferendas nas praias, cachoeiras e parques. As oferendas insistem em estar presentes, apesar de quase sempre feitas às escondidas. Ninguém esquece o medo infantil ao ver vela, galinha preta, pele de cobra seca, alguidar com farofa, panos vermelhos e pretos, garrafas de cachaça na esquina de casa.

O depoimento é de Yvonne Maggie, antropóloga que coordenou o Núcleo da Cor do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em sua tese de Doutorado em Antropologia Social, defendida em 1988, no Programa de Pós-Graduação daquela universidade, Maggie, antes do "boom" esotérico, já se debruçava sobre "As relações entre magia e poder no Brasil", título de sua tese. Seu olhar sobre as práticas mágicas presentes no país estimula muitas indagações.

Afinal, que feitiços são estes capazes de despertar tantos temores e, ao mesmo

tempo se impor, até com uma certa naturalidade, no cotidiano de milhares de pessoas que lotam os terreiros de candomblé, umbanda e quimbanda e centros espíritas de diferentes "linhas" em busca de poderes sobrenaturais capazes de abrir e fechar caminhos, causar e curar doenças, unir e separar amantes, salvar ou tirar a vida de alguém?

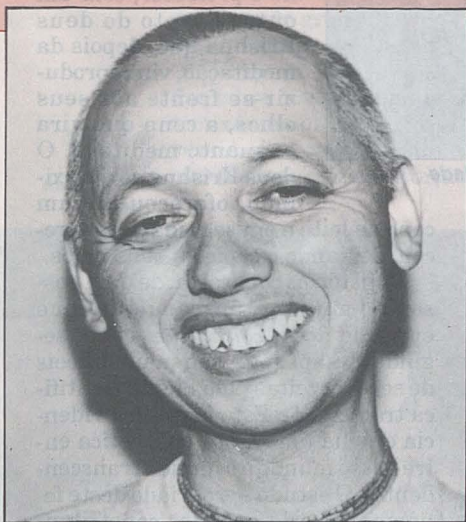
Se por um lado a resposta parece esquivar-se e proteger-se no silêncio dos que sabem "fazer o feitiço", por outro as histórias atordoantes sobre a eficácia das oferendas e da magia correm à solta, fortalecendo a crença de que o bem e o mal podem ser "produzidos" através de um certo tipo de saber místico e dos dons mediúnicos de que parecem dispor curandeiros, benzedeiras, pais e mães-de-santo.

"Afirmava-se e afirma-se ainda que o Estado brasileiro perseguiu e reprimiu macumbeiros, espíritas e umbandistas e a maior parte dos participantes destes cultos diz que os repressores foram ven-

cidos", diz Yvonne Maggie, acrescentando que "essa idéia está presente em quase todos os discursos, quer de estudiosos ou religiosos, e revela um consenso sobre a história das religiões mediúnicas. Houve uma repressão na origem, mas a crença venceu e conseguiu expandir-se."

Fora do circuito acadêmico, a memória "do povo de santo" incumbe-se de "legitimar" as conclusões de estudiosos através de relatos impressionantes.

"Foi há uns 40 ou 50 anos atrás. Eu mesma vi porque estava num terreiro no Cubango, em Niterói, quando a polícia montada chegou. Os soldados em cima dos cavalos vinham com ordem de prender a 'babá' do terreiro. Ficamos apavorados quando ouvimos o trotar dos cavalos. Mas quem estava em terra, incorporada na 'babá' era a Vovó Maria Conga. Vendo o nervosismo das pessoas ela gritou: 'Não tem medo não. Manda home de capa vermelha entrar.' Ela se referia ao chefe dos soldados. Imediatamente começou a cantar para Ogum. A alguns metros da en-



Loka Sakshi:  
unir vida  
material e  
espiritual



outros planos, a realidade multidimensional do universo, os diferentes estados da consciência. Daí veio um descaso com relação àquelas pessoas que lidam com a realidade mágica do mundo, com os místicos, os religiosos, os esotéricos", afirma o líder Hare Krishna.

Neste final de século, os filhos do saber crítico e científico estariam mais religiosos e místicos?

O padre Jesus Orthal Sanchez vice-reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) não acredita. "Não chamo de religiosa a atitude do homem da pós-modernidade, que não adora a Deus, não está a serviço d'Ele. No logos sagrado, o ser humano procura maior eficiência, não muito diferente da atitude da modernidade. Percebe-se uma atitude não de servir a Deus, mas de servir-se d'Ele", analisa padre Orthal.

No "caldeirão de tendências esotéricas" às portas do Terceiro Milênio, ao lado de religiões tradicionais, surgem com vigor a crença no poder de cristais, dos gnomos; intensifica-se a busca do "eu", através de livros de auto-ajuda, mapas astrológicos, numerologia. É nítida a crise no seio de religiões milenares como o catolicismo e o candomblé. E emergem movimentos como a Nova Era, que propõe ligação direta do ser humano com seu deus interior, sem padres ou pastores, usando o autoconhecimento e dispensando a religião institucionalizada (ver **cadernos do terceiro mundo**, nº 167, A maré religiosa).

Se por um lado universidades como a Uerj asseguram dentro do espaço acadêmico a reflexão e a confluência destas práticas e seus respectivos saberes, por outro as universidades católicas parecem estar a meia distância entre a crítica religiosa e o interesse científico.

"Nova Era ou Era de Aquário é uma mistura heterogênea que se opõe à religião institucionalizada. Nela encontram-se desde a religiosidade oriental até velhos conceitos pagãos romanos", explica o vice-reitor da PUC-RJ. Ele acrescenta que, ao falar de um deus interior, há um desserviço ao verdadeiro Deus, que é transcendente. E a identificação com Deus é a mais antiga tentação humana.

"Os primeiros seres humanos escutaram a tentação que dizia: sereis como Deus. Para mim não há



trada do terreiro, algo extraordinário aconteceu. Os cavalos ficaram trotando debaixo dos pés de bananeira sem conseguir sair do lugar. De repente, os soldados, parecendo meio hipnotizados, entraram pelo terreiro e dançaram para o santo a noite inteira. Saíram pela manhã exaustos e perturbados e, é claro, não levaram a 'babá". Quem conta esta história é Maria de Souza, 75 anos, funcionária aposentada do Inamps e moradora de Nilópolis, na Baixada Fluminense.

A antropóloga explica em sua tese de doutorado, que, ao contrário de muitas sociedades onde é forte a crença na feitiçaria, não se pune o feitiçeiro com a morte. No entanto, foi a partir da República, com o decreto de 11 de outubro de 1890, que o Estado criou mecanismos reguladores de combate aos feitiçeiros, instituindo o Código Penal. "No Código", diz Yvonne Maggie, "introduziram-se três artigos referentes à prática ilegal da medicina, à prática da magia e a proibição do curandeirismo".

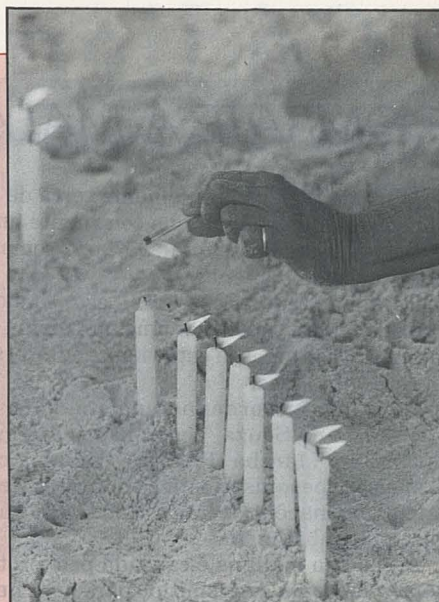
A partir deste decreto, estimulou-se a denúncia de associações religiosas e de pessoas que usassem magia para fins ilícitos. Em 1892, chegava ao chefe de Po-

lícia do Rio de Janeiro uma delas, redigida por um "missivista anônimo": "Existe um feitiçeiro na travessa das Monqueiras que se chama Cipriano, e é conhecido como Bedê. Há outro conhecido como Diogo Mina. Esses são terríveis e mata-dores, dão palpite de bicho mediante percentagem. Pedimos providências para estas pobres vítimas ignorantes que caem nessa baboseira. Com vagar darei a V. Exa. lista deste povo, e bicheiros e cartomante."

Entre muitas outras denúncias que constam de processos policiais da época, alguém acusava: "Com pipoca e azeite de dendê fazem feitiçaria na rua do Lavradio." Uma carta anônima citava um outro infrator que "curava uma contusão com lápis lilás a 30\$000 (trinta mil réis)".

Pérolas como estas revelam a relação sempre presente – embora nem sempre revelada – da sociedade brasileira com as religiões que propõem um contato direto com o intangível mundo transcendente.

O respeito a estas práticas e a necessidade de compreensão de tais fenômenos através de uma abordagem menos mecanicista do conhecimento mostram



os vários *fronts* nos quais os cientistas brasileiros podem se entrenchear para tentarem aproximar-se da realidade de seu povo. E para contornar as estreitas fronteiras do racionalismo moderno, que vem demonstrando suas limitações na compreensão de questões que há séculos embatucam homens de diferentes sociedades em todo o mundo.

negação maior de religiosidade do que a pessoa que tem um deus interior e se nega a prestar contas ao Deus superior. Isto é a velha tentação", contesta o vice-reitor da PUC.

Mesmo estando "no centro", entre a cruz e a espada, ou melhor, entre sua postura tradicional e o novo, as universidades católicas são reconhecidamente pioneiras no estudo das religiões. Loka Sakshi Das atende todos os anos 30 a 40 alunos de universidades católicas que fazem pesquisas para o curso O Homem e o Fenômeno Religioso, uma disciplina tradicional e obrigatória em todas as carreiras.

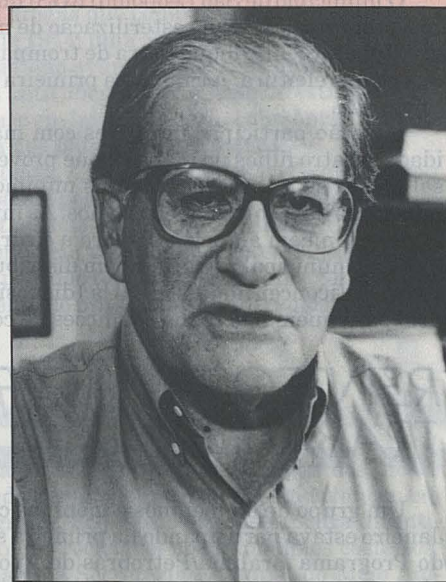
"A falta de espaço amplo para o tema dentro das universidades públicas fez com que ONGs como o Instituto de Estudos da Religião (Iser) viessem a suprir esta lacuna. Esses estudos foram, portanto, terceirizados. A academia está retomando agora um papel que é seu. Antes tarde do que nunca", ironiza Loka Sakshi Das.

"No Brasil, não encontramos nas universidades departamentos voltados para Estudos Orientais, por exemplo. Não se estuda uma das raízes mais profundas da civilização humana. A instituição perde, portanto, seu caráter universal. Em nosso país a academia perdeu muito com a ditadura e a patrulha ideológica marxista", diz o líder Hare Krishna.

A psicanalista Monique Augras é francesa, doutora em psicologia e professora da PUC-Rio. Há al-

guns anos estuda religiões de origem negra no Brasil. Sua produção reúne ensaios como "Zé Pelintra – Patrono da Mandragem" e "Psicanalistas e pais-de-santo na luta pelo monopólio da cura e da salvação". No entanto, Monique olha com certa desconfiança a onda esotérica que invade a sociedade.

"No Brasil não faltam magia e mitos. Por que importar gnomos que são mais ou menos como os Sete Anões da Branca de Neve ou ajudantes de Papai Noel? São figuras vindas da Europa Germânica, dos países escandinavos. Tudo isto mostra uma imensa alienação do nosso povo. Neste final de século vamos ter que lidar com uma quantidade enorme de besteira, fruto do medo e da falta de cultura. Ao mesmo tempo, temos que diferenciar tudo isto dos fenômenos sérios que requerem estudo e pesquisa."



**Padre Sanchez:**  
contra a ida a  
Deus sem  
intermediários